



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>

A Rede Latinoamericana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas participa de Residência Artística

Tatiana Massaro [1]

Emanuely Miranda [2]

Editora e Editor: Susana Dias e Renzo Taddei

Nomeada como Perceber-Fazer Floresta II, a residência artística buscou engajar países latinos em torno da questão climática pela perspectiva dos povos originários

Entre os dias 23 a 26 de maio de 2024, a Rede Latinoamericana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas (Rede DCMC) se reuniu para a realização da [Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II](#). O encontro faz parte de um conjunto de iniciativas que envolvem o projeto “Perceber-Fazer Floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno”, a Revista ClimaCom e o Tema Transversal de Comunicação do INCT Mudanças Climáticas Fase 2, que contemplam produções de textos, artes, eventos, exposições, rodas de conversa, entre outros. Pesquisadores e pesquisadoras de distintas partes do Brasil, da Argentina, do Chile, da Colômbia e do México se encontraram para a residência, com o propósito de atender ao chamado do pensador indígena Ailton Krenak (2021) e cultivar a floresta como “poética de vida”, vivenciando a potência das matas e experimentando viver junto afirmativamente em um tempo de catástrofes.

Para tanto, a segunda edição de *Perceber-Fazer Floresta* convidou os.as.es participantes a ver, a sentir e a interagir por meio de práticas e saberes de líderes indígenas, pesquisadores, cozinheiras, performers, fotógrafos, engenheiros, desenhistas, biólogas, historiadoras e mães de santo. Foram várias atividades que se distribuíram pelos seguintes lugares de Campinas (SP): Galeria de Arte do Instituto de Artes (Gaia) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mata Santa Genebra,



Centro Cultural Casarão e Casa de Cultura Fazenda Roseira. Diante dessa miríade de conexões, ocupando uma variedade de espaços, os.as.es participantes da residência deram atenção a diferentes modos humanos, não humanos e mais que humanos de existir.

Perceber-Fazer Floresta já em seu título traz uma gama de significados e movimentos. Esse nome emerge dos estudos desenvolvidos por Susana Dias, pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), cocordenadora da Rede DCMC e líder do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, comunicações e educações.

Nas palavras da pesquisadora e artista, publicadas na revista ClimaCom, ela reforça que *Perceber-Fazer Floresta* trata de nos comunicarmos com um mundo todo vivo. “Tal possibilidade (...) parece que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povoar por forças não-humanas” (DIAS, 2020, p. 91).

A própria Susana Dias foi quem esteve à frente da organização das duas edições do encontro: a primeira em Manaus e posteriormente em Campinas. Comentando as diferenças entre um e outro, destacou que, além dos locais de realização serem distintos, a quantidade de pessoas envolvidas aumentou significativamente. Nesse caso, era importante que os.as.es participantes não ficassem apenas nos limites da Unicamp e sim circulassem por outros espaços, florestando neles e com eles. “As apostas dessa experiência eram mergulhar em diferentes práticas durante o dia; experimentar distintas posturas nos gestos do corpo; entrar em contato com plantas, bichos, fungos, seres das mais diferentes maneiras; ativar a força dos encontros entre os humanos e mais que humanos; e assim experimentar essa força colaborativa das florestas”, elabora.

Susana conta que em 2023, na primeira residência, em Manaus, a floresta era uma presença assumida. Já no caso de Campinas, não era bem assim. Tratava-se de perceber e proliferar matas nas práticas mobilizadas, criando possibilidades de ativá-las e estar junto com elas em meio à cidade.

A Rede DCMC se engajou em torno desse pensamento. De acordo com Susana, foi uma oportunidade de criação conjunta e de sensibilização para questões que importam. Ainda de



acordo com ela, foi o momento de olhar para o problema das mudanças climáticas pela perspectiva dos povos originários, das florestas.

Dia 1 - 23 de maio - Galeria Gaia

O espaço escolhido para a realização do primeiro dia de Residência Artística *Perceber-Fazer Floresta II* foi a Galeria de Arte do Instituto de Artes (GAIA). Trata-se de uma instituição pública estadual autônoma, que existe desde 1983 e está ligada à Diretoria do Instituto de Artes da UNICAMP.

GAIA sediou duas aberturas no primeiro dia do evento: a da própria residência artística e a da Exposição Terra. O pontapé inicial foi uma roda de conversa com Cláudia Baré (indígena Baré e mestranda em Linguística na Unicamp), Maria Alice Paulino de Souza (liderança indígena Karapãna e acadêmica de Artes e Turismo na Universidade do Estado do Amazonas) e Kellen Vilharva (indígena Guarani Kaiowá e doutoranda em Clínica Médica na Unicamp).

Conforme nos conta Susana, a Exposição Terra resultou de reverberações da Residência Artística *Perceber-Fazer Floresta* que ocorreu em Manaus. As pessoas envolvidas na primeira edição do encontro criaram obras artísticas, como fotografias e desenhos, a partir das experiências que lá vivenciaram e posteriormente expuseram na segunda edição, conectando um evento ao outro.



Kaa Wasu (Créditos da obra: Cláudia Baré, Maria Alice Karapãna, Kellen Vilharva, Izabela Aleixo, Valéria Scornaienchi, Victoria Martins e Susana Dias)

Cláudia Baré destacou que, em sua participação, buscou trazer a vivência do seu povo, que esteve presente na primeira edição da residência. A noção de *Perceber-Fazer Floresta* encontra fortes possibilidades de alianças com o conhecimento ancestral de comunidades originárias, pois reconhece uma relação de intimidade que as mesmas cultivam com o cosmos. “Nós somos muito conectados às águas, às matas, aos igarapés, às folhas, às flores, aos animais”, explica.

Para Cláudia Baré, defender essas conexões e dialogar com os saberes indígenas têm muito a ver com o contexto no qual todos.as.es estamos inseridos e inseridas cosmicamente: as mudanças climáticas. Abrir-se ao diálogo com os povos originários é algo que a Rede DCMC e a residência buscam e buscaram estar atentas e sensíveis. A Exposição *Tierra*, portanto, se desafiava a manifestar essa mesma abertura e sensibilidade.

Na mesma galeria e no mesmo dia, uma segunda roda de conversa deu sequência às movimentações. Nela, falaram todos.as.es artistas envolvidos e envolvidas: Cláudia Baré, Carolina



Cantarino, Izabela Aleixo, Kellen Vilharva, Lilian Maus, Maria Alice Paulino de Souza, Marina Guzzo, Santiago Arcila, Susana Dias, Sylvia Furegatti e Paulo Telles.

A artista Kellen Vilharva explicou o que buscou trazer para a exposição: em uma mesa, dispôs objetos do seu laboratório e do tekoha (como se referem ao território em sua etnia). Sobre essa superfície estavam sementes, folhas e fotos de mulheres que são suas referências. Além disso, havia um jaleco trabalhado com grafismo indígena e uma dobradura que evocava a força do cedro (espécie com a qual ela convive e vem pesquisando). “Eu busquei levar como reflexão a possibilidade da coexistência das ciências indígenas e acadêmicas, das várias ciências e das artes”, afirma.

Em sua jornada acadêmica, Kellen Vilharva se dedica a reflorestar os laboratórios e defender a medicina tradicional de seu povo. Para ela, sua pesquisa e sua vida devem existir em conjunto e em respeito a todos os demais tipos de seres. Trazer tudo isso à Exposição Tierra, durante a Residência Artística *Perceber Fazer-Floresta II*, funcionou como um esforço intencional de demarcação das ciências e das artes como lugares de florestas e não de monoculturas, como espaços de vida e não de necropolíticas e genocídios, como possibilidades de mundo potentes e não como reprodutores de colonizações e epistemicídios.

Para dar sequência às falas e finalizar o primeiro dia de evento, Eduardo Mario Mediondo, engenheiro hídrico da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador do INCT Mudanças Climáticas Fase 2, deu uma palestra e abriu uma terceira roda de conversa, propondo uma interseção entre os/as/es participantes e possibilitando reflexões em torno de conexões entre águas e florestas.

Desse modo, o primeiro dia foi marcado pela tentativa de ativar nossas percepções para as relações com seres e forças que partilham o cosmos conosco e que, assim como nós, estão em risco no contexto de crise.

Dia 2 - 24 de maio - Mata de Santa Genebra e Centro Cultural Casarão

Dinâmicas corporais guiadas pela pesquisadora e artista Marina Guzzo abriram as atividades do segundo dia, que seguiu com uma incursão na mata junto ao biólogo e às biólogas Alessandra



Penha, David Lapola e Izabela Aleixo e à artista Valéria Scornaienchi. O convite era para caminhar e estar com a floresta, em plena Mata Santa de Genebra, com suas mais de 660 espécies de fauna remanescentes da Mata Atlântica, tombada desde 1983, dados os esforços de ambientalistas, pesquisadores e profissionais de instituições de ensino que nos anos setenta reivindicaram sua criação junto ao município de Campinas.

No caminho trilhado pelos/as participantes da residência, junto à pesquisadora Izabela Aleixo, buscou-se vivenciar “o ambiente da floresta, percebendo sua diversidade de cheiros, sons, cores, formas, textura e movimento”, como ela destacou. No trajeto, coletaram-se folhas de plantas e realizou-se um exercício de análise, conversando sobre biodiversidade e formas de avaliar e monitorar as estratégias de desenvolvimento da floresta por meio de práticas de pesquisa. Em menor escala, ali se vivenciou parte do que Aleixo desenvolve no AmazonFACE, projeto situado na Amazônia, do qual faz parte. Em suma, este se dedica a estudar uma área madura da floresta amazônica que é exposta a uma concentração de CO₂ prevista para o futuro, e a partir disso mensurar seus efeitos.

Na residência artística a pesquisadora pode trocar experiência com pares, artistas e uma gama de participantes que partilham de diferentes perspectivas sobre a mesma floresta. Durante esta experimentação, a pesquisadora repensou padrões. “[pude me] envolver ainda mais profundamente com as potencialidades do que faço enquanto cientista, mulher e mãe apaixonada pela Amazônia”, destacou.



Em plena Mata Santa de Genebra (Créditos da Foto: Larissa Bellini)

Na tarde do mesmo dia, houve uma mostra de arte indígena com Claudia Baré, Nicole Baniwa e Jakary Kuikuru, que expuseram suas obras nas laterais dos prédios do Centro Cultural Casarão, um espaço público aberto em 2005 e, desde 2011, vem funcionando com gestão compartilhada entre um coletivo da sociedade civil e a Secretaria Municipal de Cultura de Campinas.

No mesmo dia e lugar, concomitantemente, um alimento também esteve mobilizando reflexões: a mandioca. Os(as) estudantes indígenas Leandro Tupã, Lucinalva Moura Lopes, Janilton Pinheiro Ferreira, Gabriel Flores Filho, Vera Moura Tukano, Davina Marques, Mawanaya Wauja, Leonardo Luiz da Silva e Ahuaugu Amaral e a professora Alik Wunder realizaram a oficina “Mandioca: raiz-corpo ancestral”.

Como parte da proposta, expuseram o documentário “Ulei, corpo-ancestral”. Conforme explicam no material publicado na revista ClimaCom, Ulei significa Mandioca na língua Aruak. Portanto, esse foi o nome escolhido para a obra audiovisual que decorre de experiências, narrativas e cosmovisões de seis estudantes indígenas, que se distribuem entre cinco etnias. “A mandioca



como um corpo ancestral vivo, que é cuidada e que cuida, aparece nessas diferentes narrativas e foi o que guiou as criações com palavras e imagens no projeto”, explicam na Climacom.

Na sequência, para dar continuidade à lida com a mandioca, os.as.es participantes se reuniram em torno de um preparo coletivo de alimentos para o jantar, aos cuidados da cozinheira Rosana Lourenço Joaquim do “Ateliê Cozinha lá em Casa”.

O dia se encerrou em torno da fogueira, quando todos.as.es participantes se reuniram ao redor dela formando círculos enquanto um grupo de caixeiras formado por Alik Wunder, Daniella Echeverria, Marli Wunder, Neusinha Aguiar e Susana Dias cantavam e tocavam com roupas coloridas e cantigas alegres. Conhecidas como Caixeiras da Guia, estão juntas há mais de 20 anos, tocam a Caixa do Divino e se dedicam a estudar o sagrado, o profano, o feminino e as florestas.

Dia 3 - 25 de maio - Casa de Cultura Fazenda Roseira

A Comunidade Jongo Dito Ribeiro e outros grupos, como movimentos sociais e religiosos de matrizes africanas, compuseram junto com a residência artística. Tudo começou com a trilha dos orixás, que foi percorrida por todos.as.es os.as.es participantes sob condução de Bianca Ribeiro, pertencente à comunidade, o que permitiu conhecer melhor as plantas ligadas às entidades entremeadas com a história da Casa de Cultura Fazenda Roseira. Desde 2008, a fazenda se tornou um equipamento público gestado pela comunidade jogueira, cultivando história, culinária, mitologia e meio ambiente em uma perspectiva afrobrasileira.

Após o almoço preparado pela própria comunidade, diferentes oficinas aconteceram. As plantas, que já faziam parte de uma conversa com parte dos.as.es pesquisadores que participaram da residência, foram o tema da oficina de “Artes, Ciências, Sentidos e Plantas”, ministrada por Juliana Z. M. T. Ribeiro. Além dela, houve também uma oficina de Turbantes, por Alessandra Ribeiro, e uma terceira sobre Racismo Ambiental, coordenada por Lucas Cesar Rodrigues da Silva, ambos membros da mesma comunidade.

Alessandra Ribeiro, doutora em Urbanismo, especialista em Gestão Compartilhada, jogueira e liderança nesta comunidade, destacou que ao receber uma diversidade de pessoas de diferentes países na Fazenda Roseira durante a residência, chamou-lhe a atenção a semelhança da



cosmovisão indígena e da comunidade afro. Ambas compreendem que nada está separado. Tudo se conecta cosmicamente. Assim, fazer floresta é dançar, ventar, plantar. Ou seja, ações conectadas que foram experimentadas ao longo de todo dia e vivenciadas nesse espaço.



Dança do Jongo por Comunidade Jongo Dito Ribeiro (Créditos da Foto: Tatiana Plens)

Dia 4 - 26 de maio - Centro Cultural Casarão

No último dia, o Centro Cultural Casarão foi novamente o lugar dos encontros. Diferente do sol que iluminou os demais dias, em um domingo de chuva, pequenos grupos de participantes se reuniram em torno de mesas de trabalho com sapos, vírus, plantas e pássaros a convite do grupo multiTÃO do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor- Unicamp). Os.as.es membros.as.es do grupo Emanuely Miranda, Larissa Bellini, Natália Aranha, Mariana Vilela, Wallace Fauth, Susana Dias e Tiago Amaral Sales coordenaram tais mesas.

Mariana Vilela propôs para a mesa das plantas uma “cabeça vegetal”, feita de linhas emaranhadas na qual se cultivavam algumas plantas. A artista e pesquisadora convidava os.as.es participantes a



vestir a obra, como se faz com um capacete, e a experimentar uma “vegetalização”. Mariana se inspirou no texto do filósofo Emanuele Coccia, “A virada vegetal”, e na fala de Célia Xakriabá (2020), que insiste em “reflorestar cabeças e corações”. A “cabeça vegetal” convida a repensar a centralidade do humano e, segundo a artista, a arte é um lugar privilegiado para isso. “As fabulações agenciadas ganham vida e os materiais não são matérias mortas, mas coisas vivas, ‘emaranhados criativos’ que propõem comunicações”, defende.

A residência artística alimentou a proposta de perceber-fazer Floresta em e com a vida também na percepção de Teresita Ospina Álvarez, docente da Faculdade de Educação da Universidad de San Buenaventura, em Medellín, na Colômbia. Assim como participantes da Argentina, México, Chile e até mesmo Espanha, Teresita viajou até o Brasil para participar da residência. Em sua pesquisa, situada na linha dos Estudos Culturais e Linguagens Contemporâneas, Teresita se volta aos processos vitais, abordando-os não a partir de um enquadramento no sentido estritamente racional nem estruturalista, mas sim pela observação de forças que se movem pelo cuidado com a existência humana e não humana. “É necessário associar os processos à relação com a natureza e com as possibilidades que temos para criar”, acredita. Nesse sentido, conforme destacou, a residência propiciou uma escuta de saberes e lançou a todos.as.es a experimentar processos de criação sensíveis.

O que está por vir - Livro *Morada Floresta*

Diante de tudo isso, a Residência Artística *Perceber-Fazer Floresta II* não está encerrada. De alguma forma, ela ainda reverbera entre os.as.es participantes e os.as.es mobiliza em suas pesquisas e trabalhos artísticos pela América Latina. Após quatro dias oficiais de evento, muitos pensamentos eclodiram e deram origem a vínculos, textos acadêmicos, poesias, desenhos, performances e esculturas que se desafiam a experimentar a intimidade com o cosmos e seguir refletindo sobre o problema das mudanças climáticas.

Nesse sentido, um dos resultados da residência vem a ser o livro *Morada Floresta*, com capítulos escritos por pesquisadores e pesquisadoras de diferentes países que estiveram presentes no encontro. Ainda em fase de revisão e diagramação, ele em breve será publicado na revista *ClimaCom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte*, com textos em espanhol e português.



Tiago Amaral, um dos organizadores do livro, além de pesquisador e docente na Universidade Federal de Uberlândia, explica que a ideia consiste em compor coletivamente um arquivo de ensaios, poéticas e experimentações entre escritas e imagens que compartilhem o que foi a residência, bem como de que forma ela afetou e ainda afeta cada uma das pessoas envolvidas. “O livro busca pensar a residência como espaço de encontro e de criação entre heterogêneos”, afirma. Seu objetivo consiste em, novamente, ativar um entrelaçamento que envolve tanto humanos quanto não humanos.

Resgatando o que disse Susana Dias em sua publicação aqui já citada, trata-se de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. Assim, *Perceber-Fazer Floresta* segue como uma busca entre os.as.es pesquisadores e pesquisadoras da Rede DCMC. Por fim, ela comenta que residências como esta alimentam o desejo de que, em um futuro próximo, mais países, como os do continente africano, também estejam envolvidos em projetos como esse.

Projetos

Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno (Fapesp 2022/05981-9)

INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 (CNPq 465501/2014-1, FAPESP 2014/50848-9 e CAPES 16/2014)

Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas

Revista ClimaCom

Financiamento

Fapesp, Diretoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp e Faepex-Unicamp

Bibliografia:

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom – Florestas** [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. Calibán - RLP- Volume 18-1, 2020.



REIS, Vilma. **Comecem a produzir floresta como subjetividade, como uma poética de vida, diz Ailton Krenak em festival de cinema português.** Amazônia Real. 8 dez 2021. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/comecem-a-produzir-floresta-como-subjetividadecomo-uma-poetica-de-vida-diz-ailton-krenak-em-encontro-portugues/#fechar>

NINJA, Mídia. **Célia Xakriabá é liderança indígena, defensora da cultura e dos direitos dos povos.** Youtube, 1 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v9W3zRblEMw>

[1] Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), entre Outubro de 2023 e Julho de 2024 foi bolsista DTI-A CNPq do INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), sob supervisão de Renzo Taddei. Bolsista de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (2024). E-mail: ttmassaro@gmail.com

[2] Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com